

A S SIGNATURAS

Corte, anno..... 10\$000
Semestre..... 5\$500
Trimestre..... 3\$000
Mez..... 1\$000

Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS

Provincias, anno. 12\$000
Semestre..... 7\$000
Trimestre..... 4\$000
Mez..... 1\$500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

Dedicado ás Moças Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.—Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, F. A. Costa, etc.

ESCRITORIO E REDACÇÃO

N. 28 Rua de Gonçalves Dias N. 28

Anno I Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1880 N. 4

TEUS OLHOS

Foram teus olhos galantes,
Esses teus olhos azues,
Com seus raios scintillantes,
Que m'inundaram de luz:
Foram teus olhos galantes
Travessos olhos azues

+

Esses olhos tão bonitos,
Teus olhos da côr dos céus
Promettem dons infinitos
Qual suave olhar de Deus;
Pois tens nos olhos bonitos
O meigo matiz dos céus.

+

E quando vagam perdidos
Nas scismas d'um longo olhar
Tem os tons amortecidos
Os doces tons do luar!...
Como são bellos perdidos
Nas scismas d'um longo olhar!

+

Eu tenho medo, menina,
Que dos olhos de saphyra
Não me falte a luz crastina,

À luz que tanto m'inspira;
Si adoro tanto, menina,
Os olhos teus de saphyra!...

+

Mas como em lagos serenos
Placidas ondas azues
Sob mil fogos amenos
Occultam fundos paúes,
Temo qu'illudam serenos
Teus lindos olhos azues.

+

Eu tive sonhos ditosos
De viver no mesmo lar,
Mas ai! sonhos enganosos
Fugiram-me ao despertar...
Oh! qu'é dos sonhos ditosos
De vida no mesmo lar!

+

Que importa agora o futuro
Se vivo sò do passado?
Ser feliz já nem procuro,
Que ser feliz fôra dado,
Si nas laudas do futuro
Relesse acaso o passado.

S. JUNIOR.

Por causa d'um primo

(SCENA DE CIUMES)

II

Sentadas, uma em frente da outra, as moças olharam-se furtivamente, e permaneceram um instante com o rosto encostado á mão direita, como quem pensa na resolução de um negocio grave.

Dir-se-hia que estavam desconfiadas uma da outra.

E porque? Não eram ellas irmãs no sangue, na belleza, nos pensamentos?

Que receiar, pois? Que o primo não accedesse ao chamado, desprezando rudemente o seu convite?

Alguma coisa de satânico se mettia de permeio.

Esta rapida transição da alegria para a tristeza dava mostras de que algum presentimento fatal as assaltára.

Passado um momento, Isabel, tímida, e como que para tactear o coração da irmã, fitou-a meigamente, deixando transluzir um sorriso que tinha o quer que era de malicioso.

Olympia não reparou n'isso e abrindo uma pasta tirou uma folha de papel, onde se via no cimo o seu monogramma, e collocou-a na posição propria de escrever.

Com uma calma, que nada tinha de natural, attentava Isabel em todos aquelles movimentos, folheando machinalmente um livro, unico disfarce de que podia lançar mão, para que se lhe não notasse um certo mal-estar que ameaçava trahil-a.

As duas irmãs semelhavam-se, n'este momento, a dous experimentados tratantes que, fingindo-se amigos, procuravam os melhores meios de poder enganar-se um ao outro.

Olympia approximou de si o tinteiro, pegou da penna e escreveu com a maior serenidade:

« Meu querido primo... »

Isto foi como uma lancetada que pungiu o coração de Isabel.

A pallidez que immediatamente lhe cobriu o rosto, o olhar faiscante que deitou á irmã, eram mais do que um reflexo da dôr lancinante que lhe causara a leitura d'aquellas tres palavras. Eram evidente prova de que em sua alma se passava caso estranho, pois debruçando-se bruscamente sobre a mesa, arrancou das mãos de Olympia o papel, bradando:

— Não!

Admirada de tão subitanea transformação, a irmã mais velha, que sempre vira em Isabel o symbolo da candura e da tolerancia, não pôde réprimir um grito de indignação, provocado pela insensatez de quem tão asperamente infringia as leis da fraternidade, e exclamou:

— Oh!

Isabel envergonhada de si propria, cobriu o rosto com as mãos, soluçou um instante, e qual doida illuminada por um raio de lucidez, com o olhar esgazeado, os movimentos perturbados, encarou a irmã compassivamente como para pedir-lhe perdão de tamanha offensa.

Passou-se entre ellas uma scena muda, incapaz de descrever-se, e que só ellas comprehenderam.

O demónio da discordia parecia querer intervir na paz que sempre reinou n'aquella casa, e que ameaçava agora destruir-se.

Que razões teria Isabel para proceder de tal modo? Haveria porventura o mais leve agravo n'aquellas tres palavras escriptas por sua irmã?

Mysterio !

— Perdôa-me, Olympia, disse ella ; não pensei no que fiz

— Caso inexplicavel ! Arrancas-me das mãos o papel, onde, por convenção mutua, ia escrever ao primo, ficas como uma louca, chorosa, enraivecida, e não sabes por que o fazes ?

Isabel não respondeu, e ostentou um certo ar de desprezo.

Essa desatenção de sua irmã calou no animo de Olympia, que levantou-se, sahio da sala e foi, chorando, cahir nos braços da avó, que julgou ter sido a neta accommettida de um ataque.

Isabel, veloz como um raio, encaminhou-se para o seu quarto, abriu um pequeno cofre de erable, tirou d'elle um retrato, e beijou-o com a maior effusão dizendo:

— Oh ! has-de ser meu ! Só meu !

F. ARTHUR COSTA.

(Continúa).



HEI-DE OLHAR

Quando vejo menina galante,
Bem vestida e com garbo pizar,
Eu não sei o que soffro, mas creiam
Que por mais que não queira, hei-de olhar.

E se a brisa travessa, indiscreta
Fôr a liga de seda mostrar :
Disfarçando que estou distraído,
Aproveito o ensejo de olhar.

São os olhos que dão-me a existencia ;
São os olhos que me hão-de matar ;
De tal luz se sustentam meus olhos,
Que ainda mesmo morrendo, hei-de olhar.

Contemplando do prado as florinhas,
Contemplando a cascata a rolar,
Contemplando as estrellas no espaço,
Mesmo assim não me farto de olhar.

Quando só em silencio repouso,
E divaga a minha alma a scismar,
Vejo anjos morenos e claros
Divisados n'um brando sonhar.

Voto a elles constancia e respeito,
Voto a elles um culto sem par ;
E o que mais exceder em virtude,
Mais attento para elle hei-de olhar.

DR. LUIZ CARDOSO.



SIM ?

Profundo dissabor me envolve a vida,
Minh'alma é triste como a flor pendida
Sem viço nem matiz ;
Mas se o teu coração quizesse amar-me,
Se um teu riso viesse consolar-me,
Eu seria feliz.



Oh ! como o meu viver seria doce,
Sim, eu fora feliz fosse onde fosse,
Vivendo ao lado teu !
Onde quer que o destino me levasse,
Comtanto que eu te visse e te adorasse,
Ahi seria o céu.



Comtigo fora o êrmo um paraíso,
De amor o povoára o teu sorriso,
De luz o teu olhar ;

Tua voz o encherá de harmonias,
E eu viverá de puras alegrias
Ditoso por te amar!

×

Ser amado por ti, oh! acredita
Nem ventura maior, nem maior dita

Peço a Deus que me dê.

Elle sabe que amor eu por ti sinto,
Pois bem, que me castigue se eu te minto,
Elle que tudo vê.

×

Olha, n'este momento em que te escrevo,
Tão fundo é meu pezar, meu doce enlevo,
Que eu te não sei dizer;
Sei que choro e que as bagas do meu pranto,
No seu lento cahir me queimam tanto
Como a lava a correr!

×

Não me deixes assim á dor entregue,
Pede ao teu coração que não me negue
Teu amor, minha Huri;
Tu que és desta alma a sempiterna idéa,
Bem podes me fazer feliz, sim, minha Déa,
Eu espero por ti.

J. M.



FE

E' noite: a hora em que a tristeza e a dor são mais pungitivas; a hora em que a desgraça nem busca a luz da esperança; em que o futuro se pinta mais negro ao infeliz; a hora inistra que a morte prefere para trahir a vida; a hora da desolação emfim.

Ali, na meia escuridão d'um quarto é o pleno dominio da angustia: uma mãe vela sobre o filhinho moribundo. Sua alma distilla d'aquelle olhar longo, agoniado com que o fita.

A criança adormecida tem a pallidez amarellenta e macia da pellica, não repousa; o corpo estremece em convulsões bruscas e a cada sobresalto delle estala uma fibra ao coração della e rola-lhe dos olhos uma lagrima silenciosa, sulcando a face como a lava ardente.

Uma vez ella sente-se mais triste, occulta o rosto e chora prantos abundantes; depois enxuga-os com um gemido dolente e inclina-se para beijar de manso o pobresinho:

— Meu filho! e levanta instinctiva os olhos á imagem de Christo pendido humildemente da cruz.

Dentro do oratorio, sobre a commoda, a lamparina crepita como um moribundo agonisante, e a sombra imprime no rosto macerado de Jesus uma mobilidade extranha, desenhando nas paredes uns phantasmas voluveis, longos aereos, que ora fogem, ora erguem-se ameaçadores. A pobre mulher com a superstição da desventura, desvia os olhos, aterrada, e vae fital-os nas faces brancas da criancinha

Uma doida mariposa esvoaça inquieta em torno da chamma; será um máo presagio talvez. Ella sente um constrangimento d'alma; levanta-se e vae enxotal-a; mas teme apagar a luz. Que será della na escuridão? teria medo; talvez seu filho morresse então.

Deixa o animalzinho ao seu destino e volta a sentar-se ainda mais triste!

Quebram apenas o silencio a respiração offegante do pequeno enfermo e os suspiros entrecortados da miseravel mãe.

A mariposa tombára com as azas incendiadas: ella teve horror; parecia-lhe uma imagem de seu filho, mariposa incauta a doudejar na vida, a quem a falta de saude ali tolhia, como a carencia de azas ao insecto imprudente.

De repente a criança solta um grito doloroso, agudissimo; as convulsões sobrevêm mais intensas, e a mãe que se apresára em abraçal-a ao collo, logo que a vê mais socegada, prostra-se entre soluços diante do Redemptor.

Orar é a consolação suprema dos desditosos; orar é confessar-se vencido e supplicar clemencia ao vencedor; orar é reconhecer um Creador.

O coração estua, a dor contrahe a physionomia, os labios ciciam brandamente, e as lagrimas, arrefecendo o ardor da face, realçam o preço da oração.

A pobre mãe vae-se sentindo mais aliviada, mais calma; parece-lhe que o olhar de Jesus é mais brando; ouviu de certo sua prece angustiosa. Mas c que teria ella dito? Não sabe, não se lembra senão de ter fallado em seu filho. E o Christo parece fital-a compassivo.

Ella sente-se melhor, lança um olhar confiante ao filho, como que o vê sorrir, recomeça a prece mais fervorosa, quando uma voz doce e amorosa a interrompe:

— Mamãe!

Que melodia suave ella encontra nesse balbuciar singelo! De seu seio escapa-se um grito prophético:

— Graças, meu Deus, meu filho está salvo! E crente, louca de alegria corre a cobril-o de beijos.

A esperança acabava de florir quasi á beira d'um tumulo.

Mas porque esta transformação repentina?

Porque a fé quasi sempre é uma inspiração do céu, uma previsão que attesta a parcella insuflada da Divindade.

A mãe reconhecia no semblante do filho a volta da saude e rejubilava-se, como a avesinha á volta da primavera.

Ella havia orado, tinha fé e esperava!

S. JUNIOR.



A DESCRENÇA

Que valem grandezas do mundo illusorio,
Ardentes affagos, adrede estudados,
Galantes sorrisos d'uma alma de vibora
Nos labios do crime e perfidia moldados?

Que valem amores sómente a dizer-se,
Ternura mentida que o vicio apparenta,
Fingida candura que o rosto demonstra,
Se a alma perjura de infamias se alenta?

Que vale esta vida de espinhos cercada,
Se a morte é o ponto seguro a tomar?
Nascemos chorando, chorando morremos,
Do berço ao sepulchro se passa a penar.

Materia imperfeita compõe nosso corpo,
Um verme de vermes o todo contém,
Embora o orgulho domine a razão,
Na fronte bem claro traduz-se—ninguem!

A fé só me resta, sublime mysterio!
Só resta a esperança n'um Deus creador!
A ti, ó meu Pai, submisso me curvo,
E te dou respeitoso meu zelo e amor.

Aguardo impassivel da vida a passagem,
Aguardo sorrindo da morte a sentença;
E o seio que d'antes fruia a esperança
Do triste passado só resta a descrença!

DR. LUIZ CARDOSO.



Serões da Província

POR

JULIO DINIZ

AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

Os vestidos singelos, mas elegantes, faziam sobresahir-lhe a estatura airosa e bastante desenvolvida para a idade que elle tinha. Conhecia-se haver crescido e vigorado ao ar livre dos campos.

Em quanto eu proseguia n'este meu rapido exame, reparei por acaso em uma rosa vermelha, que Thomaz trazia descuidadamente na mão.

Era em tudo semelhante á que já vira ao peito da pequena leiteira.

Seria méra coincidência? Que admirava?

N'uma terra e n'uma estação, em que as rozas vos surgem espontaneas debaixo dos pés, que significação podia ter o facto?

Comtudo, o que eu já sabia de Thomaz levava-me a conceder mais algum pezo á pequena circumstancia que observara.

Travei com elle uma conversa banal, sobre mil coisas em que se costuma fallar, quando se não quer dizer nada.

No fim do almoço a senhora de Entre-arroios improvisou entre nós um passeio, ao qual lamentava não poder acompanhar-nos, porque lh'o não permittia o governo da casa de uma exigencia mais que despotica — phrase d'ella.

— Vão, vão passeiar. Mas olha lá, Thomaz, cautela com o sol, e não vás para o lado dos lameiros; a humidade póde fazer-te mal. Olha, sabes? não seria mau ires mais enroupado; a manhã está fresca, e o que livra do frio, livra do calor.

E com estas e identicas recomenda-

ções, das quaes a muito custo Thomaz conseguiu livrar-se, sujeitando-se a umas, illudindo outras conforme pôde, sahimos ambos para observar o plano de divertimento que nos traçara a Sra. D. Margarida.

Durante o passeio, Thomaz mostrou-se agradável, e ás vezes jovial. Fallamos em varios assumptos e em todos pude reconhecer n'elle bastante cultura intellectual, contra o que era de esperar, attendendo á vida isolada que passava alli.

Em quanto porém aos seus sentimentos, Thomaz mostrava-se pouco communicativo, e se ás vezes eu tentava mais a fundo sondar aquelle character, que me parecia, a muitos respeitos, digno de estudo, tornava-se subitamente mais reservado ainda, como se presentisse as minhas intenções.

Afinal decidi-me a atacal-o mais de perto.

— Sabe, Sr. Thomaz, disse-lhe depois d'uma hora de passeio, que admiro as suas compatricias?

— Sim?! foi a unica resposta monosyllabica que pude obter. Não desanimei comtudo e proseguí:

— Esta manhã, pelo menos, vi uma que me pareceu um verdadeiro modelo de artista.

— Devéras? respondeu-me no tom de voz mais indifferente que se póde conceber.

— Devéras continuei eu, e foi justamente d'aqui mesmo.

Havíamos de facto chegado ao sitio de onde eu, como cortezão em ante-camara de monarcha, aguardara o despertar do sol.

— Ah! d'aqui?

Pareceu-me descobrir mais algum interesse n'esta interrogação de Thomaz.

— Ao que pude julgar era uma leiteira das immediações. Bonita rapariga, palavra d'honra! Dizendo isto, fitava os olhos nos d'elle, que momentaneamente se abaixaram.

— Havia de ser a Paulina, disse com um ar de indiferença mal representada e mudando de conversa:

— O Sr. é do Porto?

Fiz-me desentendido.

— Paulina? é um nome poetico. E' da terra essa rapariga?

— Julgo que sim... E', mas....

Eu não o deixei continuar:

— Não a acha galante?

Esta pergunta visivelmente o contrariou. Um movimento quasi imperceptivel dos labios, uma ruga que mal se lhe desenhou na frente, e o rubor desmaiado que por momentos lhe invadiu as faces, m'o denunciaram.

— Assim, respondeu-me d'um modo secco e afastou-se alguns passos, ostensivamente para cortar uma vara d'um castanheiro visinho, mas na realidade com o fim de interromper a conversa, que lhe desagradava.

Pela minha parte, já sabia o que desejava; e como demais ia perdendo terreno nas boas graças de Thomaz, do que não tinha desejos, acceitei a diversão e fui ajudal-o no ingenuo passatempo, em que elle fingia entreter-se, e assim nos *divertimos* durante alguns minutos.

Passado tempo, e a uma proposta sua' seguimos caminho para casa. Tive occasião de lhe dirigir de novo a palavra.

— Que projectos fórma relativos ao seu futuro?

— Projectos?

— Sim; a que carreira se destina?

— Ah! não sei bem. D'antes fallavam em me mandarem para Coimbra. Talvez que esse ideia esquecesse.

— O que talvez estimaria.

Fitou-me com desconfiança, respondendo:

— Póde ser e depois continuou. Contudo era a vontade de meu pae e se minha mãe o exigir... Sabe que nunca lhe pude desobedecer em coisa nenhuma?

Tinha na voz uma sensível commoção ao dizer isto; se o sentimento filial, se outro, o dominava então, não o pude saber.

— Pelo que hontem ouvi dizer a sua mãe e a alguém mais da companhia, continuei, julgo que esses projectos se discutem de novo actualmente.

— Devéras? Porque não m'o terão dito? e calou-se preocupado por um pensamento que parecia mortifical-o.

— Não ha no Porto uma escola onde se estude tambem? perguntou-me em seguida.

— Conforme. Para que estudos se inclina mais?

Encolheu os hombros em signal de completa indiferença, e proseguimos no nosso caminho silenciosamente.

Chegamos enfim á porta da gradaria que fechava o pomar, onde nos encontramos com o medico, personagem esguio e descarnado que poderia servir de exemplar para estudos de osteologia secca. Uma mumificação progressiva quasi lhe permittia já livre passagem atravez dos varões de ferro e inutilisava o uso da porta, que apesar d'isso Thomaz se apressou em abrir-lhe, mais por delicadeza que por necessidade.

(Continúa.)

SINHÁ

Conheci, não ha muito, a filha d'um Visconde,
A « Sinhá » do Jardim chamavam n'a os galans,
Que só cuidava em moda, em baile, em cousas vãs,
N'essa vida banal do frivolo « grand monde. »

+

Tinha um sestro a « Sinhá »: era ao descer do bond,
Como faz muita, moça, escandalo das mães,
Uma parte mostrar de suas pernas sãs....
Quem tão grossas possue, á vista as não esconde.

×

Uma vez, ao saltar na rua do Ouvidor,
Ouve gritos de: fuja, um cão damnado....Horror!
Vae correr, desmaiou... morde lhe a perna o cão.

×

Corre o medico a ver não chegue o viro ás veias,
E depois de tirar tres... seis... dez... doze meias!
Nem vê gotta de sangue!.. o membro estava são.

S. JUNIOR.



MOSAICO

Entre um dandy que passa e uma moçoila á janella:

— Dás-me esse cravo, lindinha?

— Olhe, Sr., peça alli defronte ao ferreiro.

A um mau poeta que brindou um sujeito com um livro seu e depois lhe pedira o importe:

A' força me embutiste

Um livro de máus versos qui imprimiste;
Pedes-me agora a paga, tem paciencia,
Que se m'os déste só pelo que valem,
Nada te devo em minha consciencia.

Um grande pensador, ao vêr passar uma mulher gravida, seguida de muitos filhos e com um pela mão:

— Alli vai uma bibliotheca ambulante; vêm-se volumes de todos os tamanhos: um nas mãos do encadernador e outro... no prélo...

E' bem achada!

Sobre uma sepultura lê-se o seguinte epitaphio:

Sob esta pedra um domador repousa,
Como poucos audaz; morreu cançado,
Porque em dez annos, ou mais que foi casado
Nunca o triste logrou domar a esposa.

— Pois V. Ex. com tantos cravos no jardim não os põe nas jarras, minha senhora?

— Não, Dr., só gosto dos cravos nos pés.



CHARADAS

As do numero passado eram: Ardor, Soldado, Canario, Romano.

Para as de hoje, um trimestre do Sorriso ao primeiro decifrador:

1—1—Do mar, na musica, no campo.

2—1—Sou base, animal e moeda.

1—2—Este numero e este fructo é audacia.

Ou no globo ou no convento) 2
O meu todo encontrarás:)
Sempre a verdade negando 2
Tu em globo fallarás.

